

V.20 nº42 (2024)

REVISTA DA

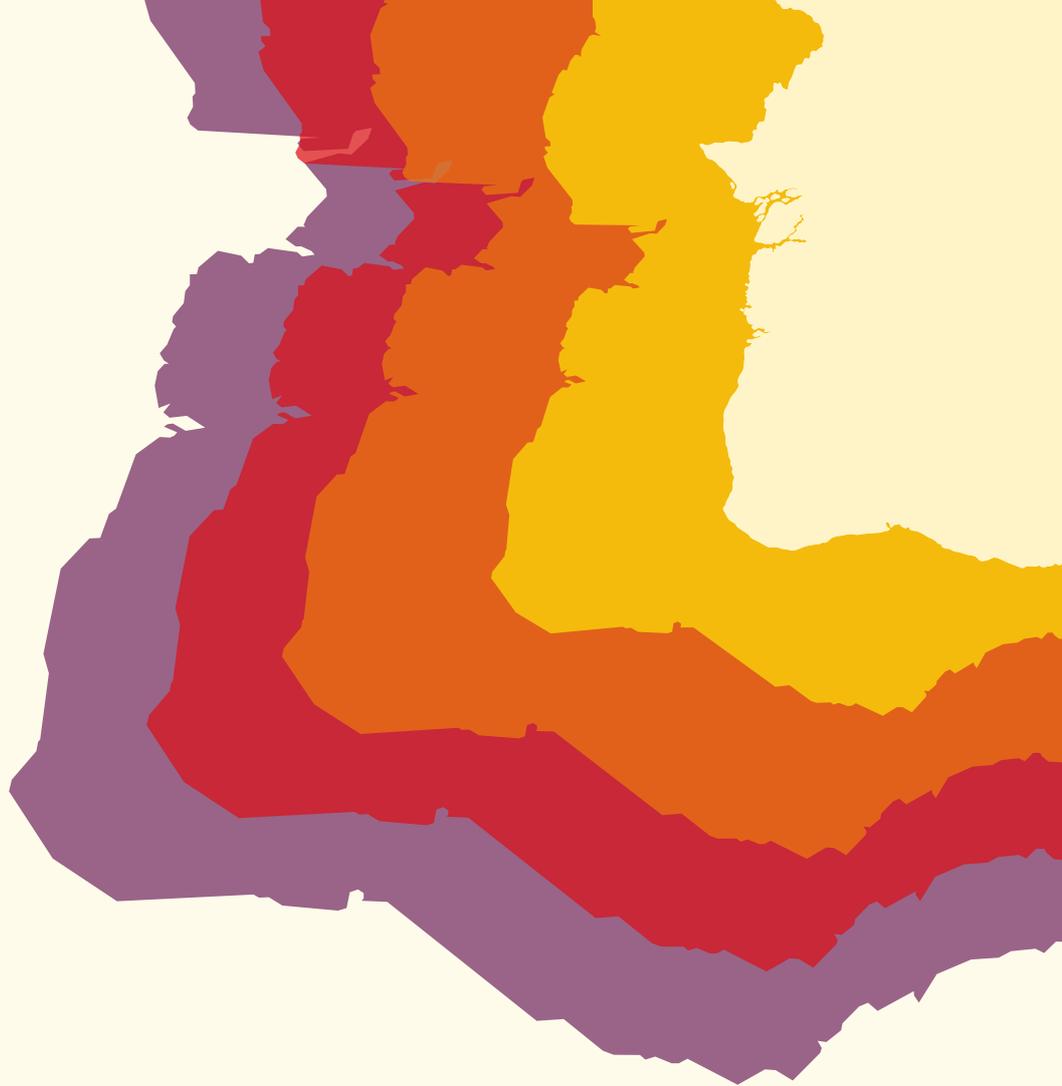
AN PE GE

ISSN 1679-768X

A stylized lowercase letter 'a' in a white, rounded font, positioned above the organization's name.

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia



O Professor Manuel Correia de Andrade e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB): encontros de histórias e trajetórias

Professor Manuel Correia de Andrade and the Association of Brazilian Geographers (AGB): meeting stories and trajectories

El Profesor Manuel Correia de Andrade y la Asociación de Geógrafos Brasileños (AGB): historias y trayectorias de encuentros

DOI: 10.5418/ra2024.v20i41.19042

CHARLLES DA FRANÇA ANTUNES

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP)

V.20 n°42 (2024)

e-issn : 1679-768X

RESUMO: O presente texto é parte do projeto “Memória da Geografia Brasileira” que pretende fazer a relação entre alguns intelectuais formadores da Geografia brasileira e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Juntar a trajetória do professor Manuel Correia de Andrade, e que se entrelaça com a da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), é o objetivo desse texto. Histórias cruzadas entre intelectuais e a instituição que serviu como espaço de debate e promoção de uma Geografia brasileira, conformada ao mesmo tempo que formava coletivamente a comunidade geográfica brasileira, e individualmente cada um desses mesmos intelectuais. O professor Manuel Correia, como era conhecido no ambiente da Geografia brasileira, é sujeito integrante e ativo desse processo de construção coletiva.

Palavras-chave: memória; associação dos geógrafos brasileiros; manuel correia de andrade; geografia brasileira.

ABSTRACT: This text is part of the project “Memory of Brazilian Geography”, and aims to link some of the intellectuals who shaped Brazilian Geography with the Association of Brazilian Geographers (AGB). The aim of this text is to piece together the trajectory of Professor Manuel Correia de Andrade, which is intertwined with that of the Association of Brazilian Geographers (AGB). Crossed stories between intellectuals and the institution that served as a space for debate and promotion of a Brazilian Geography, formed at the same time as it collectively formed the Brazilian geographic community, and individually each of these same intellectuals. Professor Manuel Correia, as he was known in Brazilian Geography, is an integral and active part of this process of collective construction.

Keywords: memory; association of brazilian geographers; manuel correia de andrade; brazilian geography.

RESUMEN: Este texto forma parte del proyecto «Memória da Geografia Brasileira» (Memoria de la Geografía Brasileña), que pretende vincular a algunos de los intelectuales que dieron forma a la Geografía brasileña con la Asociación de Geógrafos Brasileños (AGB). El objetivo de este texto es



reconstruir la trayectoria del profesor Manuel Correia de Andrade, que se entrelaza con la de la Asociación de Geógrafos Brasileños (AGB). Historias cruzadas entre intelectuales y la institución que sirvió de espacio para el debate y la promoción de una Geografía Brasileña, formada al mismo tiempo que formaba colectivamente a la comunidad geográfica brasileña, e individualmente a cada uno de esos mismos intelectuales. El profesor Manuel Correia, como era conocido en la Geografía brasileña, es parte integrante y activa de ese proceso de construcción colectiva.

Palabras clave: memoria; asociación de geógrafos brasileños; manuel correia de andrade; geografia brasileña.

“A grande contribuição da AGB ao desenvolvimento da Geografia brasileira, ... decorre do fato de que ela reunia geógrafos de pontos diversos do País, para debaterem temas e questões e realizar, em conjunto, trabalhos de pesquisa de campo; divulgava os métodos e técnicas e também os princípios dominantes nos centros mais adiantados. Ela difundiu métodos de trabalho numa época em que não havia cursos de pós-graduação em Geografia, contribuindo para consolidar a formação dos geógrafos mais novos ou menos experientes. Realizando reuniões em pontos diversos do território nacional e fazendo pesquisas, a AGB deu ensejo a que se conhecesse melhor estas áreas e os seus problemas.”

(Manuel Correia de Andrade, 1987, p. 148).

Uma breve apresentação

A Geografia foi construída a muitas mãos ao longo das últimas décadas desde sua institucionalização no Brasil a partir da década de 1930. Importantes intelectuais, com sua atuação acadêmica e política, e um conjunto de instituições científicas foram fundamentais nessa construção. O texto que segue é parte do projeto “Memória da Geografia Brasileira”, que pretende fazer a relação entre alguns desses intelectuais da Geografia brasileira e a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Ao construir essa relação, vamos lembrar e reverenciar a trajetória de intelectuais em seu centenário de nascimento, bem como trazer à luz sua importância para consolidação da AGB, bem como a influência da Associação na formação desses mesmos intelectuais.

Os professores Manuel Correia de Andrade, Aziz Nacib Ab’Saber, Milton Santos, serão os primeiros lembrados pelo projeto, que se inicia com o primeiro dessa significativa lista – Manuel Correia, como ficou mais conhecido no interior da comunidade geográfica.

Juntar as trajetórias desses intelectuais e da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), é daquelas coisas boas de se fazer e viver, pois, em nosso entendimento, é imprescindível para professores e professoras, para estudantes de graduação ou de pós-graduação em Geografia, conhecer e reconhecer profissionais que foram e são destacados nessa ciência e que se dedicaram e trabalharam através dessas atividades, de seu exercício profissional, em busca de uma sociedade mais justa, do bem comum.

Suas trajetórias se entrelaçam com a história da AGB, instituição que serviu como espaço de debate e promoção de uma Geografia brasileira. Assim, ao reverenciar esses intelectuais, o projeto reafirma a importância da AGB como espaço de articulação de ideias e ações que moldaram a Geografia brasileira.

Iniciar o projeto com homenagem ao professor Manuel Correia de Andrade é grande honra, por sua atuação como professor, pesquisador e militante para as Ciências Humanas e em especial para a Geografia brasileira.

A contribuição de Manuel Correia de Andrade para o campo da Geografia não se restringe à sua produção acadêmica, embora esta tenha sido vasta e influente. Ele foi também um pensador comprometido com as questões sociais, refletindo em suas obras a realidade nordestina e a necessidade de transformação social. Seus estudos sobre a estrutura agrária e as questões fundiárias no Brasil, sobretudo no Nordeste, tornaram-se referências para compreender as dinâmicas do espaço geográfico e os processos de exclusão social que moldaram a história brasileira.

Os primeiros paralelos e encontros

O que vamos destacar aqui é um encontro entre as trajetórias e histórias — acadêmicas, profissionais e institucionais, mesmo que de maneira preliminar, de um intelectual, que estaria nesse ano completando cem anos, ou seja, um intelectual centenário, com uma Associação Científica nonagenária.

Quando o professor Manuel Correia de Andrade nasceu, em 03 de agosto de 1922, em Jundiá, no então município de Nazaré da Mata, hoje município de Vicência, no estado de Pernambuco, a Associação dos Geógrafos Brasileiros ainda não havia nascido, e tão pouco o primeiro curso universitário de Geografia no Brasil, uma vez que as duas instituições datam de 1934. O encontro desses dois importantes sujeitos da Geografia brasileira apenas ocorreria algumas décadas depois do nascimento de ambos.

O Brasil de 1922, do nascimento de Manuel Correia de Andrade, que estava as vésperas de comemoração do primeiro centenário da independência, foi o país do último ano do mandato do presidente Epitácio Pessoa, marcado por revoltas contra as oligarquias mineira e paulista que eram

dominantes na Primeira República (1889–1930), que culminou num processo eleitoral presidencial que se concluiu com a vitória de Arthur Bernardes e que foi uma disputa que pouco tinha de democrática, a começar pelo fato de, numa população de cerca de 30 milhões de brasileiros, pouco mais de 800 mil (pouco mais de 3,5%) ter direito a voto. Também foi o país da Revolta Tenentista (os 18 do Forte de Copacabana e desdobramentos como a formação da Coluna Prestes), da fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), filiado à Terceira Internacional; da Semana de Arte Moderna; e do acirramento das lutas operárias com eclosão de greves em vários setores. Foi um período onde a dependência econômica acentuou-se e perpetuou a posição dos países da América Latina como periferia do sistema capitalista.

O Brasil de 1934, quando da criação da AGB na área central da cidade de São Paulo–SP, foi marcado pela promulgação de nova Carta Constitucional, que trazia itens importantes, como: o voto secreto; a criação da Justiça Eleitoral; o voto feminino; alguns direitos para os trabalhadores urbanos da indústria. O ano 1934 também marca a eleição de Getúlio Vargas, para a presidência da república, pelo voto indireto da Assembleia Nacional Constituinte, encerrando-se o governo provisório e iniciando-se a fase constitucional da Era Vargas. Para o ambiente acadêmico-científico é o ano em questão é também significativo porque foi criada a Universidade de São Paulo e o primeiro curso universitário de Geografia em terras brasileiras.

A AGB surge num contexto da Geografia brasileira chamado por muitos de período de institucionalização moderna da ciência geográfica, ao lado de um conjunto de outras instituições já existentes ou que surgiram logo após sua criação, vai conformar não só esse período, mas a possibilidade de produzir e pensar a Geografia no Brasil na perspectiva de uma dada modernidade científica. O período da institucionalização da geografia no Brasil se revela altamente interessante. A armação de um aparato institucional dedicado a essa disciplina data da década de 1930 com a organização dos cursos universitários de Geografia em São Paulo (1934) e no Rio de Janeiro (1936), a normatização da disciplina no ensino básico de alguns Estados, a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1934), a criação, pelo Estado, do Conselho Nacional de Geografia (1937) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1938). É correto afirmar que a criação dessas instituições se coloca como estratégia utilizada na busca da cientificidade, da legitimidade e da inserção da profissão na modernidade. Tais atos, interligados, rapidamente conformam uma comunidade de geógrafos no país.

A criação da AGB combinará com a criação dos primeiros cursos de graduação em Geografia no país, e também com alterações no ensino dessa disciplina nas escolas no nível do que hoje chamamos de Educação Básica.

Voltemos ao professor Manuel Correia de Andrade, e aos nossos encontros entre as trajetórias institucionais e histórias de vida. Com 19 anos de idade, em 1941, o professor entrou na Faculdade de

Direito do Recife, onde permaneceu até 1945, quando obteve o grau de Bacharel de Direito. Em 1943, quando ainda se encontrava fazendo o curso de Direito, iniciou a licenciatura de Geografia e História, tendo concluído também em 1945.

Concluí também o curso superior de Direito e o de Geografia e História. Naquela época, este último era um curso imbricado: não havia História ou Geografia como cursos separados. Fiz Direito e, quando estava na metade do curso, criaram a faculdade particular, que é hoje a Universidade Católica. Eu fiz parte da primeira turma do curso de Geografia e História. Formei-me nos dois cursos no mesmo ano, em dezembro de 1945. Naquele tempo, o curso de Geografia e História era feito em quatro anos: três de bacharelado e depois um ano de Didática, que habilitava para lecionar no ensino médio. Cursei um ano de Didática em 1947, um ano depois de terminar o bacharelado, porque a faculdade era nova e não tinha recebido ainda autorização para oferecer o curso de Didática. (ANDRADE, 2002 apud ZANOTELLI; VALVERDE, 2002, p.13)

Em 1941, quando Manuel Correia iniciava seus estudos universitários, a AGB já havia sido criada, mas ainda ensaiava seus primeiros passos, restritos a São Paulo, sob a presidência do professor Pierre Monbeig, ao Rio de Janeiro e a Curitiba (como núcleo local). Já no ano de 1945, ano em que o professor Manuel Correia de Andrade concluiu seu curso de Geografia e História, já existia curso de graduação em Geografia em doze instituições de ensino superior diferentes no Brasil; a AGB realizava sua primeira grande reforma estatutária que mudou completamente a forma de organização da associação e criou as condições para que seu projeto nacional, ou pelo menos, a atuação se desse para além das fronteiras do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro, permitindo a criação das Seções Regionais e a realização das Assembleias Gerais Ordinárias (AGO), que seriam realizadas todos os anos a partir da reforma estatutária. A reforma estatutária realizada em 1945, que apontava para a criação de partições da AGB e que naquele momento eram denominadas de Seções Regionais ou Núcleos Municipais, não só ampliavam as bases de presença e atuação da AGB, e assim tecendo seu campo de forças; como também poderiam ser entendidas como um instrumento de aproximação da estrutura organizativa da associação com a forma de estruturação federativa do Brasil, com seus estados, territórios e municípios.

O artigo 2º dos estatutos (de 1945) da AGB apontava para a criação dessas Seções e Núcleos numa evidente relação condicional com seus objetivos definidos.

Art.2º — “**Para atingir** seus objetivos a Associação promoverá o conhecimento e o intercâmbio de ideias entre seus associados, através de reuniões periódicas e outros meios; realizará e auxiliará pesquisas geográficas; manterá publicações periódicas; proporá medidas para o aperfeiçoamento do ensino geográfico em todos os seus graus; e procurará, **por meio da fundação de Seções Regionais e Núcleos Municipais ou em cooperação com organizações similares, irradiar suas atividades pelo território do país**”. [grifos nossos]

Ao lado desse aspecto juntava-se outro, tão importante quanto — a cada nova assembleia realizada anualmente, em diferentes localidades e em diferentes regiões brasileiras eram recrutados novos sócios entre os professores locais e, à medida que se iam implantando novas universidades, públicas e particulares, instalavam-se novos núcleos ou seções regionais da AGB. Nesse momento, os participantes contavam-se ainda às poucas dezenas.

E assim foi se formando a rede das seccionais, com o tempo recobrando, parte dos estados da Federação, e então ajudando a consolidar na formação do que seriam as Seções Regionais.

Manuel Correia de Andrade e AGB: a vida política na Associação

“(...) Tivera os primeiros contatos em 1952, mas não pude ir à Assembleia de Campina Grande, nem a de Cuiabá de 1953. A partir de 1954 passei a frequentar a AGB com assiduidade até 1963 sem perder uma única Assembleia, e acho que as assembleias da AGB funcionaram para mim como uma verdadeira pós-graduação, apesar de ter feito cursos regulares de pós-graduação em Paris (1964/5) e no Rio de Janeiro, (1956). A AGB foi assim a minha escola e creio que também de numerosos geógrafos de minha geração (...)”. (ANDRADE, 1992, p.134)

A participação do professor Manuel Correia de Andrade na AGB, como ato comum à época, se iniciou com a participação em Assembleias, passando por apresentação de estudos e/ou teses, apresentação de comunicações e participações em trabalhos de campo, para depois, uma vez comprovada a qualidade da formação e da produção científica, ter início a vivência na direção política-administrativa da Associação — nacional ou regional.

O professor teve participação em direções diversas da Seção Regional de Pernambuco e na direção nacional da AGB, tendo sido presidente, vice-presidente, secretário, entre outras funções.

A Seção Regional de Pernambuco teve origem no Núcleo de Recife da AGB, que era vinculado a Seção Regional do Rio de Janeiro. Por ocasião da Assembleia realizada na cidade de Campina Grande–PB, em 1952, um grupo de geógrafos presentes e com o aval da Diretoria da AGB, deu o primeiro passo para a formação do Núcleo Municipal e que logo em seguida viu-se formalmente instalado. Passados pouco mais de dois anos e após avaliada a situação do referido Núcleo que já havia realizado várias atividades científicas-culturais, onde seus sócios já tinham participado de Assembleias Gerais Ordinárias e já possuindo sócios efetivos em seus quadros, pode o Núcleo reivindicar a elevação à categoria de Seção Regional. Assim, a Seção Regional de Pernambuco, foi instalada provisoriamente a 26 de junho de 1954, e teve a sua diretoria inicial constituída pelos professores: Gilberto Osório de Andrade, como Diretor; Mário Lacerda de Melo, como Secretário; e Hilton Sette, como Tesoureiro. A constituição da diretoria foi modificada pela eleição realizada a 2 de abril de 1955,

quando passaram a integrá-la os seguintes sócios efetivos: Diretor — Mário Lacerda de Melo; Secretário — Manuel Correia de Andrade; Tesoureiro — Hilton Sette; Comissão Consultiva Regional — Gilberto Osório de Andrade, Tadeu Rocha e José Lavareda.

A instalação solene, entretanto, só teve lugar por ocasião da X Assembleia Geral Ordinária da AGB, que foi realizada em 1955, mais precisamente no período de 3 a 11 de julho, na cidade de Garanhuns-PE. Essa foi a segunda assembleia da AGB realizada na Região Nordeste (a primeira ocorreu três anos antes, em 1952, na cidade de Campina Grande-PB), e a primeira ocorrida no Estado de Pernambuco — que já possuía uma Seção Regional da AGB, ainda que com uma diretoria provisória. A assembleia foi muito importante para a história da Associação, principalmente pelo fato da instalação solene da Seção Regional de Pernambuco. Coube ao professor Aroldo de Azevedo, em cujo período da presidência havia sido fundada a Seção Regional de Pernambuco, declará-la solenemente instalada, momentos antes de pronunciar o discurso oficial de inauguração da X Assembleia Geral Ordinária. (AGB,1957)

O professor Manuel Correia de Andrade participou então da formação da Seção Regional de Pernambuco, ocupando a função de Secretário já na primeira direção eleita após a sua instalação solene. A Seção Regional de Pernambuco, ao longo de seus anos iniciais de funcionamento teve a participação direta do professor Manuel Correia de Andrade, sempre na companhia dos professores Gilberto Osório de Andrade, Tadeu Rocha, Mário Lacerda de Melo, Hilton Sette, José Lavareda, entre outros.

Fato importante na relação do professor Manuel Correia com a AGB aconteceu durante a XII AGO, e vai definir sua trajetória na própria Associação. Como de costume e regido pelos estatutos vigentes, a mudança de situação de um associado — deixar de ser sócio colaborador e passar a condição de sócio efetivo, deveria ser apresentada por outros associados, e depois avaliada e homologada, ou não. A candidatura do professor Manuel Correia foi apresentada, aprovada e depois diplomada na AGO seguinte. O próprio Manuel Correia nos apresenta uma pequena polêmica da época.

“Lembro-me mesmo que quando um grupo de colegas de São Paulo, propôs em Colatina, a minha candidatura a sócio efetivo, o Nilo Bernardes, um dos mais eminentes geógrafos brasileiros e meu amigo pessoal me disse que não me considerava amadurecido para ser sócio efetivo. Lhe respondi que “o problema não era meu, o problema era dos sócios efetivos que fizeram a proposta” e que eu não teria nenhuma magua se ele voltasse contra a mesma. Ele respondeu “Não, não vou votar contra se você já tem dezessete assinaturas na proposta organizada pelos paulistas”. Eu sentia que apesar de bem relacionado com os colegas, muitos me consideravam como um estranho face a minha heterodoxia. E eu fui eleito”. (ANDRADE, 1992, p.139)

O professor Manuel Correia também ocupou cargo/função na Direção Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros, tendo sido eleito Presidente na XVI Assembleia Geral Ordinária, realizada na cidade de Londrina-PR, no período de 6 a 17 de julho de 1961. Essa AGO foi realizada nas dependências do Colégio Londrinense, sob presidência do professor Pasquale Petrone, Presidente da AGB, e secretariada pela professora Nice Lecocq Muller, Secretária-Geral da entidade, e que contou com a participação de mais de 100 geógrafos de todo o país e teve suas atividades divididas em quatro grandes partes: 1) Simpósio a respeito da “Colonização e Valorização Regional”; 2) Apresentação e discussão das teses; 3) Apresentação e discussão das comunicações orais; 4) realização dos trabalhos de campo e apresentação dos relatórios preliminares das pesquisas realizadas. Como era de costume, nas AGOs eram proclamados os novos sócios efetivos, e na mesma AGO que elegeu o professor Manuel Correia de Andrade presidente da AGB, foi aquela que aprovou a entrada dos professores Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Anna Dias de Carvalho, Dárdano de Andrade Lima, José Domingos Tírico e Rachel Caldas Lins, na Associação, na condição de sócios efetivos.

O professor Manuel Correia de Andrade quando eleito para a presidência da AGB, em 1961, sucedeu o professor Pasquale Petrone (SP), e depois, no ano seguinte, na XVII AGO, passa o cargo para o professor Milton Santos (BA). Quando o professor Manuel Correia ocupou a presidência, a AGB já existia há 27 anos, e estava assim no seu 27º mandato de uma diretoria eleita (ou escolhida, como nos primeiros anos); sendo o 12º professor diferente a assumir tal função nessa história de quase três décadas.

Durante um certo período da história da AGB havia uma disputa de grupos divergentes pelo controle da associação. Essa disputa teve em 1952, na AGO realizada em Campina Grande-PB, um dos seus pontos mais marcantes, quando o candidato indicado pelos sócios do Rio de Janeiro venceu as eleições contra o candidato indicado pelos associados de São Paulo, por apenas um voto. Houve um temor pela desagregação da Associação em função dessa disputa, desse episódio. Foi acertado então, que a partir do próximo ano, 1953, a eleição da nova diretoria e de seu presidente, se dariam a partir de um acordo prévio para a apresentação de candidatos, seguindo-se em um ano um candidato indicado por São Paulo, em seguida um candidato indicado pelo Rio de Janeiro e, em seguida um candidato dos estados que tinham menor representação entre os sócios efetivos.

“A distribuição decorria do fato de um terço, aproximadamente, dos sócios efetivos viverem em São Paulo, um terço no Rio de Janeiro e o terço restante se distribuírem pelos demais estados do Brasil. No meu caso, por exemplo, eu fui eleito em Londrina em 1961, sucedendo a Pasquale Petrone. Era a vez do Rio de Janeiro, mas os cariocas não chegaram ao consenso sobre um candidato carioca e me indicaram”. (ANDRADE, 1992, p.142)

Detalhe importante dessa trajetória associada é que o professor Manuel Correia de Andrade foi apenas o terceiro profissional de um estado diferente de São Paulo e Rio de Janeiro, a assumir a

presidência da Associação (os dois anteriores também eram de Pernambuco — Mário Lacerda de Melo/1954–1955, e Gilberto Osório de Andrade/1959–1960). No entanto, apesar de já terem passados exatos 60 anos de sua presidência, o professor Manuel Correia de Andrade foi o último originário do estado de Pernambuco a ocupar esse importante lugar na AGB.

Na presidência da AGB, o professor Manuel Correia de Andrade, organizou a AGO de 1962, na cidade de Penedo, estado de Alagoas.

“(…) Nesta assembleia organizamos um simpósio sobre “A Geografia e o Planejamento Regional” coordenado por Orlando Valverde, e que contou com a presença, como expositores, de Celso Furtado, então Superintendente da SUDENE e de Teotônio Vilela, então Vice-Governador de Alagoas, uma equipe sob a direção de Nice Lecocq Muller fez a Geografia Urbana de Penedo, enquanto que outra sob a direção de Milton Santos estudou a área policultora de Itabaiana em Sergipe, uma segunda sob a direção de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro estudou a rizicultura no Baixo São Francisco e uma última sob a direção de Elza Keller estudou a área fomicultura de Arapiraca. Na equipe do Baixo São Francisco participou dos trabalhos o geógrafo e economista Caio Prado Junior, fundador da AGB que retornava ao seio da sociedade em Penedo”. (ANDRADE, 1992, p.136)

Nas palavras do professor Manuel Correia de Andrade era fundamental “*realizar uma assembleia que marcasse a vida da AGB*”,

“(…) em 1961 fui eleito, por indicação dos colegas do Rio de Janeiro, Presidente da AGB, na assembleia realizada em Londrina. A eleição foi praticamente unânime e o fato me levou a procurar realizar uma assembleia que marcasse a vida da AGB, em Penedo, em 1962.(…)” (ANDRADE, 1992, p.135)

E assim foi feito — com o retorno e a participação de Caio Prado Júnior, com a conferência proferida por Celso Furtado, com a realização dos estudos, trabalhos de campo e simpósio, e culminando com a eleição do professor Milton Santos como presidente para o período seguinte.

O professor Manuel Correia de Andrade integrou ainda mais três diretorias da AGB, sendo vice-presidente nas gestões 1972–1974, 1974–1976 e 1978–1979.

Manuel Correia de Andrade e a sua produção científica nas publicações e assembleias da AGB

“Andrade salientava sempre, a importância que tinha a Associação dos Geógrafos Brasileiros para a Geografia, no sentido da contribuição para a formação de estudantes, a difusão do conhecimento, a possibilidade de colocar em contato profissionais geógrafos e de outras áreas afins das várias partes do país e, ainda, através do trabalho de campo que fossem realizados relatórios possibilitando o feitura de trabalhos e monografias sobre a realidade nacional que foi observada e, posteriormente estudada”. (ANDRADE, 2018, p.101)

Um grande número de revistas, boletins, Anais de Assembleias e eventos das Seções Regionais e locais e da nacional indicam a importância da AGB na construção da Geografia. Escritos e lidos, em sua maioria, por geógrafos, demonstram uma das formas pelas quais se constrói, se modifica, se altera ou se reconstrói a Geografia. As publicações da AGB — Anais e Boletins, ao socializarem os produtos dos agentes dos específicos campos, contribuem para a conformação da cultura desse campo e da conquista de visibilidade no âmbito científico e cultural.

“Daí a importância da leitura dos Anais e das Publicações Avulsas produzidas pela AGB em seu período áureo. Muito importante é também a contribuição dos Boletins de Geografia das Seções Estaduais, sobretudo os de São Paulo e Rio de Janeiro.” (ANDRADE, 1987, p.148).

A primeira participação do professor Manuel Correia de Andrade em um evento nacional da AGB foi justamente o primeiro Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), realizado em 1954, na cidade de Ribeirão Preto–SP. Manuel Correia encontra-se com uma AGB as vésperas de completar 20 anos de existência e no momento de realização de um congresso que marca a construção de sua identidade a partir da reunião de professores, pesquisadores formados em Geografia, que nas ideias expostas pelo professor Aroldo de Azevedo (1954) o CBG seria a garantia de um espaço específico dos geógrafos, em que, a partir de seus trabalhos e contribuições, poder-se-ia fazer a consolidação deste campo do conhecimento, além do claro reconhecimento daqueles que poderiam se aventurar na produção científica qualificada da geografia.

Nas palavras de Andrade (1992) é possível perceber a importância desse momento para sua formação.

“Bem, eu acho que foi para mim uma reunião marcante, do ponto de vista psicológico, porque foi a primeira reunião nacional da AGB de que participei. Além disto, ela teve grande importância para toda a comunidade geográfica, face aos trabalhos apresentados, as pesquisas realizadas e a quantidade de geógrafos que reuniu. Para mim foi de grande importância porque participei de uma equipe de pesquisas que era chefiada por Pierre Monbeig — seria o meu primeiro contato com o mestre francês — e nela a parte de geografia física era dirigida por um geólogo de grande saber e experiência — Octávio Barbosa. Eu começava a minha vida de professor universitário, sendo, então, um simples assistente da cadeira de Geografia Física — fora nomeado para a Universidade em 1952 e tinha pouca experiência. Também gostei muito do nível das comunicações e dos relatórios das excursões, sobretudo o da equipe urbana, dirigida por Aroldo de Azevedo, assessorado por um grupo de professores da USP: Ari França, Araújo Filho, Rocha Penteado, etc. Naturalmente, como estrepante acompanhei timidamente o andamento dos trabalhos e participei da preparação do relatório da minha equipe que atuou na região de Franca”. (ANDRADE, 1992, p.132)

O primeiro trabalho apresentado veio logo a seguir, na XI Assembleia Geral Ordinária de Garanhuns–PE, em 1955. Intitulado “A Borda Oriental da Borborema na área de Vitória de Santo Antão”, o estudo de Manuel Correia foi avaliado pelo professor Aziz Ab’Saber.

O ano de 1956 marca a Geografia brasileira pela realização em território nacional do XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela União Geográfica Internacional (UGI), no Rio de Janeiro. A AGB que se organizou para participar do Congresso da UGI já tinha mais de 20 anos de existência e atuação — tendo realizado onze Assembleias Gerais e um Congresso Brasileiro de Geógrafos, e já possuía diversas Seções Regionais e Núcleos Locais organizados. Foi nesse cenário da Geografia brasileira e da AGB, que o professor Manuel Correia de Andrade apresentou seu primeiro trabalho em um evento internacional. O próprio destaca com detalhes sua importância.

“Para mim foi também muito marcante: em primeiro lugar porque lá apresentei o meu primeiro trabalho era um Congresso Internacional — “*A "ria" do Formoso na Costa Sul de Pernambuco*” — e, segundo porque me coloquei em contato com as maiores figuras da geografia mundial, cujos livros eu manuseava e utilizava nos meus cursos e, ainda em terceiro, porque ao se concluir o Congresso foi realizado na então Universidade do Brasil um Curso de Altos Estudos Geográficos de que fui aluno. Este curso foi planejado e dirigido pelo Prof. Hilgard Stenberg, tendo como assistente a Professora Maria do Carmo Galvão e foi ministrado por sete mestres estrangeiros para quarenta estudantes brasileiros, todos professores universitários. Este curso foi ministrado pelos professores Orlando Ribeiro, da Universidade de Lisboa que deu um curso sobre a “Geografia da Expansão Portuguesa no Mundo”; por Karl Troll, da Universidade de Bonn que deu curso sobre “Biogeografia da América Latina”; por E. Rainz, que deu curso sobre Cartografia e pelos professores franceses, todos da Universidade de Paris, Pierre Monbeig com um curso de “Geografia Agrária do Mundo Tropical”, Pierre Deffontaines com “Geografia da Pecuária na América do Sul”; Pierre Birot com “Geomorfologia do Cristalino” e A. Cailleux com “Sedimentologia”. (ANDRADE, 1992, p.132–133)

O ano de 1957, durante a XII Assembleia Geral Ordinária, realizada na cidade de Colatina–ES, o professor Manuel Correia de Andrade teve seu primeiro estudo publicado nos Anais da AGB, fato muito importante para sua trajetória na AGB, visto que poucos estudos eram aprovados para a apresentação e posterior publicação nos referidos Anais. O estudo, intitulado “O Bordo Oriental da Borborema na Área de Vitória de Santo Antão”, teve como parecerista o professor Nilo Bernardes (RJ). O estudo do professor Manuel Correia teve a companhia de mais quatro estudos que teriam sido aprovados para apresentação e posterior publicação nos Anais da XII AGO, a saber: “A Superfície de Aplainamento Pliocênica do Nordeste do Brasil”, de autoria de Gilberto Osório de Andrade, e avaliado por Mário Lacerda de Melo; “O Crescimento Recente da Cidade de Salvador”, de autoria de Ana Dias da Silva Carvalho, e que contou com parecer de Odilon Nogueira de Matos; “Ituberá, Porto Cacaueiro Rejuvenescido pela Indústria”, de autoria de Milton Santos, e avaliado por Ely Goulart Pereira de

Araújo; “As Indústrias da Cidade de Salvador (distribuição geográfica)”, autoria conjunta de Milton Santos e Ana Dias da Silva Carvalho, e teve o professor Tabajara Pedroso como parecerista.

Utilizando as dependências do Colégio Santana, localizado na cidade de Santa Maria–RS, entre os dias 6 e 15 de julho do ano de 1958, a AGB deu continuidade a sua história, reunindo-se em mais uma assembleia. A XIII Assembleia Geral Ordinária, sob presidência do professor Ary França, foi a primeira realizada na Região Sul do Brasil e a única ocorrida no Estado, e onde o professor Manuel Correia teve outra vez um estudo aprovado para apresentação e publicação nos Anais da AGB. Dessa vez o trabalho intitulado “Caracterização da sub-região da “Mata Seca” em Pernambuco”, teve como parecerista a Geógrafa Dora Amarante Romariz. Fato importante foi que nessa AGO o professor Manuel Correia de Andrade foi finalmente diplomado como sócio efetivo, na companhia do professor José Francisco de Camargo, que também passou a essa condição de destaque, conforme estatutos vigentes à época.

No ano de 1959, durante a XIV AGO, que fora realizada na cidade de Viçosa, no estado de Minas Gerais, o professor Manuel Correia apresentou mais um trabalho/estudo intitulado “Problemas morfológicos da área drenada do rio Jiquiá e Coruripe, nas Alagoas”, e publicado nos Anais da referida assembleia. Durante a AGO de Viçosa, também participou, pela primeira vez, como chefe de equipe de pesquisa de campo. As pesquisas de campo foram realizadas a partir da divisão dos associados presentes em três grupos: o primeiro, chefiado pelo professor Antônio Rocha Penteado, com 35 membros, estudou a área de Ponte Nova; o segundo grupo, chefiado pelo professor Manuel Correia de Andrade, com 28 membros, estudou a Região Fumicultora de Ubá; e o terceiro, chefiado pela professora Elza Coelho de Souza Keller, com 30 integrantes, estudou a Região de Viçosa.

A AGB, a partir de decisão tomada em sua assembleia administrativa realizada em 1956, resolveu que AGOs seguintes teriam em sua programação uma seção denominada “Simpósio”. Os sócios presentes avaliaram demandas já demonstradas anteriormente, onde indicavam a necessidade de reorientação acadêmica das AGOs. Assim, a partir de 1957, os denominados simpósios passaram acontecer. No ano de 1960, durante a realização da XV AGO, na cidade de Mossoró–RN, foi realizado o Simpósio intitulado “Aspectos Geográficos do problema Agrário Brasileiro, Especialmente no Nordeste”, que contou com a coordenação do professor Manuel Correia de Andrade. Os textos apresentados foram publicados nos Anais da assembleia, e entre eles destacam-se além das contribuições do Coordenador, estudos realizados pelos professores Orlando Valverde, Milton Santos, Michel Rochefort, Humberto Carneiro, José Francisco de Camargo, e das professoras Bertha K. Becker e Norma Ramos de Freitas, e também das apresentações de Nilo Bernardes, José Ribeiro Araújo Filho e Ana Dias de Carvalho.

Já no ano seguinte, em 1961, em Londrina–PR, durante a realização da XVI Assembleia Geral Ordinária da AGB, o professor Manuel Correia foi pela segunda vez chefe de equipe de pesquisa de

campo. As pesquisas em trabalho de campo foram realizadas por quatro equipes que sob orientação percorreram o município de Londrina e também municípios vizinhos. As áreas visitadas e estudadas foram as seguintes: 1) Geografia Urbana de Londrina, dirigida pelo professor Pedro Pinchas Geiger; 2) A Fazenda Monte Alegre, sob a direção do professor Manoel Correia de Andrade; 3) A Região de Jacarezinho, orientada pela professora Ely Goulart Pereira de Araújo; 4) A Região de Maringá-Cianorte, dirigida pela geógrafa Dora de Amarante Romariz.

A XIX Assembleia Geral Ordinária, realizada na cidade de Poços de Caldas–MG, entre os dias 4 e 14 de julho de 1964, ocorreu num momento bastante conturbado da história recente do Brasil — poucos meses após o golpe militar, ocorrido poucos meses antes desse mesmo ano, fato que não aparece tratado ou mesmo citado, em nenhum documento por nós encontrado ou estudado. Fato significativo foi a presença de militares na assembleia e o registro dessa presença, sob o título de “contribuição ativa” (sic!). A AGB comemorava trinta anos da sua fundação, fato lembrado pelo professor José Francisco de Camargo, presidente da associação. Nessa AGO, o professor Manuel Correia se fez novamente presente e coordenou um dos já tradicionais trabalhos de campo, onde as equipes foram divididas em quatro grupos e foi responsável pela equipe que se propôs investigar “A indústria vinhateira no sul de Minas Gerais”.

Esta foi a última Assembleia Geral Ordinária da AGB onde houve a publicação dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Depois dessa assembleia, ainda no formato definido em 1945, foram realizadas mais cinco edições da AGO, sendo que uma delas foi concomitante ao 2º Congresso Brasileiro de Geógrafos (Rio de Janeiro, 1965).

No acervo bibliográfico da AGB ainda é possível encontrar uma publicação chamada de “Avulso”, que ao longo dos anos 1960 e 1970 disponibilizou alguns números. O professor Manuel Correia de Andrade teve os seguintes estudos publicados na série avulsos: “Aspectos Geográficos da Região de Ubá”, Avulso n.º1 de 1960; “Monte Alegre e a indústria de papel e papelão no Paraná”, Avulso n.º 6 de 1969, e ainda “A indústria vinhateira no sul de Minas Gerais”, Avulso (s/n) de 1973.

Além das publicações sob responsabilidade da AGB Nacional, o professor Manuel Correia teve artigos resultados de seus estudos publicados em boletins de Seções Regionais da AGB — com destaque para o Boletim Carioca de Geografia e o Boletim Paulista de Geografia. Editado pela primeira vez em 1948, com o nome de Boletim da Seção Regional do Rio de Janeiro, o Boletim Carioca (ganhou esse nome já em 1950), tem uma história de existência que vai até o ano de 1982¹. O

¹ No ano de 1982, é publicado o último número do Boletim Carioca de Geografia. Com a reforma estatutária ocorrida em 1979, a agora Seção Local Rio de Janeiro, foi finalizada a publicação do Boletim. Para a Seção não se tratou apenas de uma mudança de nome, dado que a publicação passou a se chamar “Espaço e Sociedade”, mas, sobretudo, uma mudança de concepção no projeto da publicação. A mudança do nome significou uma oportunidade de dar lugar as novas formas de expressão que ganharam força no final da década de 1970.

Boletim Carioca de Geografia (BCG)², foi a primeira publicação de uma Seção Regional da AGB. Ao longo de sua existência publicou artigos de toda a ordem. O professor Manuel Correia de Andrade, em parceria com Mário Lacerda de Melo, publicou o trabalho intitulado “Um Brejo de Pernambuco: A Região de Camocim de São Félix”, no Boletim Carioca de Geografia, em 1960 (n.º 3 e 4, ano XIII). O Boletim já tinha 12 anos de existência, mais de 100 artigos publicados, quando o professor Manuel Correia publica seu primeiro e único trabalho no BCG.

O Boletim Paulista de Geografia (BPG) surge em 1949, tendo seu primeiro número publicado em março desse mesmo ano, e permanecendo até os tempos atuais publicando a produção geográfica brasileira. O Boletim Paulista de Geografia é a única publicação da AGB, daquelas que nasceram nos anos das décadas de 1940 a 1960, que continua a ser publicada.

O professor Manuel Correia de Andrade publicou dois artigos, resultado de seus estudos, no Boletim Paulista de Geografia — o primeiro intitulado “Condições naturais e sistema de exploração da terra no Estado de Pernambuco”, foi publicado em 1967, no n.º 44; e o segundo, intitulado “Latifúndio, cana-de-açúcar e coco no norte de Alagoas”, foi publicado em 1968, no n.º 45.

Numa comparação entre os Boletins Paulista e Carioca de Geografia, usando como referência os anos iniciais de cada publicação, 1949 e 1948, respectivamente, e o ano de 1982 como marco final do levantamento, chegamos aos reveladores números: entre os 212 autores do BPG, que publicaram 262 artigos e os 120 autores, que publicaram 172 artigos no BCG, apenas 14 — sendo 6 estrangeiros e 8 brasileiros, tiveram a possibilidade de publicar seus trabalhos nos dois boletins. Os números, em si, revelam a inexistência de articulação entre as duas Seções Regionais, pelo menos no tocante a disponibilidade para o intercâmbio entre suas publicações. Dentre os poucos brasileiros que publicaram nos dois boletins está o professor Manuel Correia de Andrade.

Manuel Correia de Andrade e a AGB: encontros mais recentes

A presença e participação do professor Manuel Correia de Andrade na Associação dos Geógrafos Brasileiros é mais intensa e efetiva no período compreendido entre os anos de 1954, quando participou de seu primeiro evento de caráter nacional; e 1979, quando ocorre a reforma dos estatutos da associação em sua mais expressiva transformação, o que é explicitado pelo próprio em entrevista a Revista GeoSul, em 1992.

“(…) De minha parte compreendi que a vez agora — a partir de 1979 — era das novas gerações e me afastei da participação na administração da AGB embora tenha comparecido a alguns dos seus encontros, como o de Porto

² Aqui chamamos Boletim Carioca a publicação da Seção Regional do Rio de Janeiro desde 1948, incorporando, assim, o período do Boletim da Seção do Rio de Janeiro.

Alegre e o de São Paulo. Dai o meu testemunho ser mais valido para o período 1954/1979”. (ANDRADE, 1992, p.137)

“(…) A partir dar me afastei da “militância agebeana” embora tivesse participado das reuniões bianuais de Porto Alegre (1982) e São Paulo (1984) (…)”. (ANDRADE, 1992, p.141)

Apesar desse declarado afastamento da “militância agebeana”, o professor Manuel Correia se fez presente nas décadas seguintes a partir de participação em mesas-redondas e conferências, em eventos organizados ou com participação da AGB.

“Agora, eu não rompi com a AGB, não sou um cara de posições dogmáticas, eu me afastei, não exerci nenhum cargo de direção até hoje. Também, já estava velho, já tinha sido vice-presidente quatro vezes e presidente uma vez e não precisava mais disso. Continuei frequentando a AGB e estou até hoje nela”. (ANDRADE, 2002 apud ZANOTELLI; VALVERDE, 2002, p.18)

Um importante exemplo da manutenção da relação a entidade é a participação da AGB na 43ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência (SBPC), realizada na cidade do Recife-PE, em 1993. A participação da AGB nessa importante reunião da ciência brasileira foi marcada pela realização de mesas-redondas, comunicações e conferências, e o professor Manuel Correia esteve presente em duas dessas atividades — a primeira uma mesa redonda intitulada “A Questão Regional no Brasil e suas Repercussões no Desenvolvimento Científico e nos Padrões de Vida da Sociedade”, que contou ainda com a coordenação do professor Joaquim Correia Xavier de Andrade Neto (Universidade Federal de Pernambuco) e a participação de Francisco de Oliveira (Universidade de São Paulo) e Maria Arminda do Nascimento Arruda (Universidade de São Paulo); a segunda atividade foi uma conferência sobre “O desenvolvimento tecnológico e os impactos sociais no Nordeste”, e coordenada pelo professor Zeno Soares Crocetti, presidente da Diretoria Executiva Nacional da AGB (gestão 1992–1994).

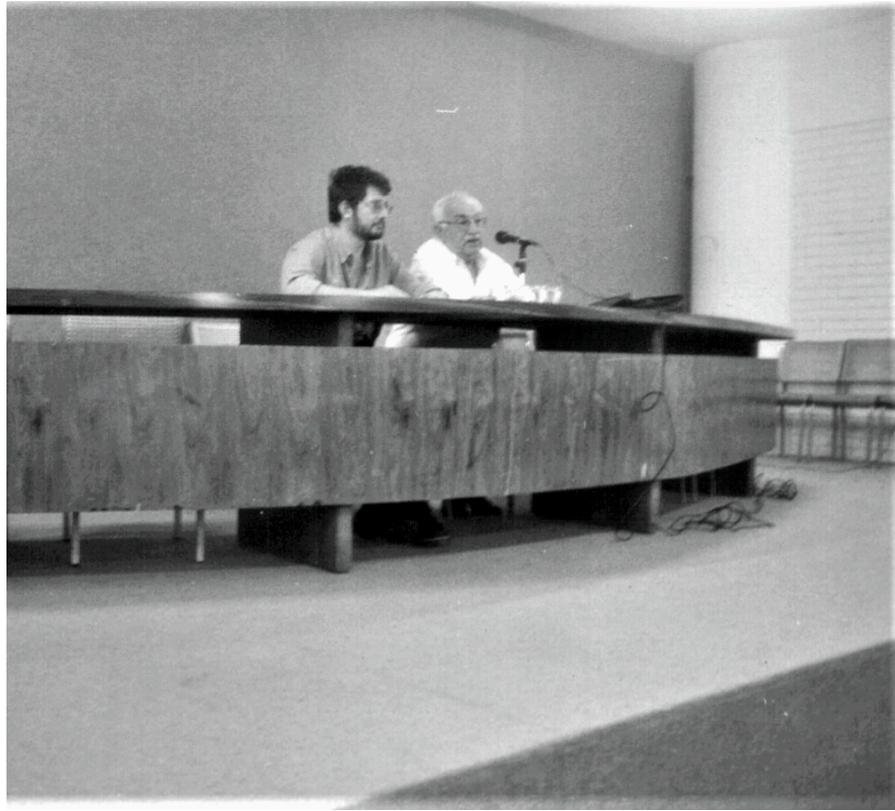


Figura 1: Professor Manuel Correia de Andrade e professor Zeno Soares Crocetti, em conferência durante a 43ª Reunião Anual da SBPC, em 1993. – **Fonte:** Acervo fotográfico de Ricardo Ogusko



Figura 2: Professor Manuel Correia de Andrade e professor Zeno Soares Crocetti, em conferência durante a 43ª Reunião Anual da SBPC, em 1993. – **Fonte:** Acervo fotográfico de Ricardo Ogusko

Outro importante momento de reconhecimento por parte da AGB da importância e contribuição do professor Manuel Correia de Andrade para a Geografia brasileira e para a Associação, foi na ocasião do X Encontro Nacional de Geógrafos, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, em 1996, onde o professor foi homenageado.



Figura 3: Mesa de encerramento do 10º Encontro Nacional de Geógrafos — Recife/PE – 1996 (ao centro a professora Odete Seabra, Presidenta da DEN/AGB/ gestão 1994–1996); e ao fundo, em pé, o professor Antônio Thomaz Júnior, que ao final do 10º ENG seria eleito Presidente da AGB para o biênio 1996–1998, em sucessão a professora Odete Seabra. – **Fonte:** Acervo fotográfico Projeto Memória da Geografia

Manuel Correia de Andrade é, sem dúvida, um autor, um professor, um intelectual, um militante que marcou a Geografia brasileira, destacando-se como uma referência nacional. Distinguiu-se como autor, pelo volume de sua obra, tendo publicado mais de cem livros e mais de duzentos artigos e capítulos de livros; como professor, inicialmente como docente de Geografia e História em diversos colégios públicos e privados, e mais tarde na Universidade Federal de Pernambuco; como intelectual, pelo vigor de sua obra, influenciando gerações, produzindo estudos e teorias fundamentais para o entendimento do Brasil e em especial do Nordeste brasileiro; e por fim como militante, de maneira mais geral na sociedade, em sua forte oposição a ditadura do Estado Novo e a Ditadura Militar, e de maneira mais específica, com sua atuação na construção e fortalecimento da Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Histórias cruzadas como muitas outras entre a AGB e um importante intelectual que se forma e forma gerações na relação com a associação. Histórias como muitas outras, mas também como muitas outras, são histórias absolutamente singulares e únicas. As histórias desse importante intelectual e personagem da Geografia brasileira, e que atravessam a trajetória institucional da Associação dos Geógrafos Brasileiros, são merecedoras de serem estudadas, lembradas, comemoradas e reverenciadas. Viva Manuel Correia de Andrade! Viva a AGB! Viva a Geografia brasileira forjada no calor dessas histórias cruzadas.

Bibliografia:

Associação dos Geógrafos Brasileiros.(1945–1965) Anais da AGB.

Associação dos Geógrafos Brasileiros.(1949–1976) Boletim Paulista de Geografia.

Associação dos Geógrafos Brasileiros.(1948–1949) Boletim da Seção Regional Rio de Janeiro.

Associação dos Geógrafos Brasileiros.(1949–1982) Boletim Carioca de Geografia.

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia — ciência da sociedade: uma introdução... São Paulo: Atlas, 1987

ANDRADE, Manuel Correia de. Entrevista. Revista GeoSul- n.º 12/13 — Ano VI — 2º sem. 1991 e 1ºsem. 1992.

ANDRADE, Thais de Lourdes Correia de. Vida e Obras de Manuel Correia de Andrade: caminhos percorridos na Geografia e contribuições aos estudos regionais e ambientais. Tese de Doutorado (USP), São Paulo, 2018.

ANTUNES, Charlles da França. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) — Origens, Ideias e Transformações: Notas de uma História. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

ZANOTELLI, Cláudio. Entrevista Manuel Correa de Andrade. Geografares, [S. l.], n. 3, 2002. DOI: 10.7147/GEO3.1113. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1113>. Acesso em: 16 abr. 2022.

SOBRE OS AUTORES

Charles da França Antunes  - Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (1991), Mestrado e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2001 e 2008). É Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em história do pensamento geográfico brasileiro e ensino de geografia, atuando na graduação e pós-graduação em Geografia.

E-mail: charlesdafranca@gmail.com

Data de submissão: 30 de setembro de 2024

Aceito para publicação: 02 de outubro de 2024

Data de publicação: 07 de outubro de 2024